

PARA ALÉM DAS APARÊNCIAS: desafios para a inclusão do aluno autista

RESUMO

Os obstáculos para garantir atendimento igualitário do aluno autista na rede regular de ensino não desapareceram. Para que a prática inclusiva não seja falaciosa, é preciso detectar os problemas enfrentados pelas escolas no processo de escolarização desses sujeitos. Tal abordagem se faz necessária devido ao fato de se perceber que, apesar de legalmente o aluno com autismo ter o direito garantido por lei de frequentar a escola regular, verifica-se que essa inclusão não ocorrerá somente por efeito de leis. Por isso o objetivo do presente trabalho consiste em pesquisar os desafios enfrentados pela escola para incluir o estudante autista. Este propósito foi obtido por meio de pesquisas bibliográficas em livros, artigos e dissertações que tratam do tema em questão. O estudo apontou que os desafios mais comuns enfrentados no processo de inclusão do autista são a falta de profissionais capacitados para lidar com os problemas comportamentais e de aprendizagem e a falta de recursos didático-pedagógicos adequados para realizar atividades adaptadas de acordo com a necessidade de cada estudante.

Palavras-chave: Aluno. Autismo. Educação Inclusiva.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que o Autismo afeta cerca de 1% da população (MINAS GERAIS, 2015). Diante desse dado, acredita-se que o autismo deva ser mais estudado, porque a quantidade de alunos com esta síndrome é grande, o que justifica a escolha do tema. Apesar de legalmente o aluno com autismo ter o direito garantido por lei para frequentar a escola regular, verifica-se que essa inclusão não ocorre somente por efeito de leis e que depende da política inclusiva adotada pela instituição. Justamente em decorrência de tal situação, o programa de pesquisa que norteou os estudos foi este: quais os desafios enfrentados pela escola para a inclusão de alunos com Autismo?

Considerando os aspectos da condição dos autistas, a educação inclusiva baseia-se em uma educação na qual a escola se adapta ao aluno que se deseja incluir, e não o contrário. A

sociedade, em sua maioria, tenta esconder, tentando comprovar que os deficientes devem viver isolados do convívio social. No entanto, devido à divulgação sobre a inclusão e toda a legislação pertinente que garante o acesso de forma igualitária, o pensamento discriminatório e a incapacidade por parte dos deficientes têm sido amenizados, dando espaço à preocupação com alternativas para garantir a equidade. Mas nem por isso as dificuldades diminuirão.

A política de inclusão e a necessidade de individualização do atendimento pedagógico dado ao aluno, no processo de ensino aprendizagem, vêm sendo propaladas, há muito tempo para que essas singularidades sejam respeitadas. Mas como fazer isso numa escola com salas lotadas? Por isso este trabalho propõe a pesquisar os desafios enfrentados pela escola para incluir o estudante autista, já que a legislação prevê o direito desse aluno de estar numa sala regular de ensino.

Este propósito será conseguido a partir das pesquisas bibliográficas em livros, artigos e dissertações que tratam do tema em questão.

2 CONHECER PARA INCLUIR: características do autista

Para poder incluir de forma efetiva o aluno autista, o professor e toda a comunidade escolar precisam conhecer sobre as características desta síndrome, para poder agir de forma adequada.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno que se relaciona a inúmeros elementos essenciais da vida do indivíduo. Por isso o reconhecimento precoce da síndrome é importante para nortear educadores em relação à prática pedagógica adequada, já que para incluir na sala regular de ensino é preciso compreender a singularidade desses sujeitos.

De acordo com o DSM-IV-TR, o **Transtorno Autista (TA)** se caracteriza por um quadro clínico em que prevalecem prejuízos na interação social, nos comportamentos não verbais (como contato visual, postura e expressão facial) e na comunicação (verbal e não verbal), podendo existir atraso ou mesmo ausência da linguagem. Pode haver, também, ecolalia¹ e uso de linguagem estereotipada. As pessoas com o TEA apresentam dificuldades no estabelecimento de relações sociais, preferindo atividades mais solitárias. Também apresentam dificuldades sociais para compartilhar interesses, iniciar ou manter interações sociais; possuem dificuldades em compreender expressões faciais de sentimentos e afetos. (KHOURY et al, 2014, p. 9, grifo do autor).

¹Ato de repetir palavras

Portanto a criança com esse transtorno possui grandes dificuldades em manter vínculos, ter diálogo e, em alguns casos, pode ser que a criança fale e em outros, que a criança não fale, não estabelecendo nenhum tipo de diálogo. A pessoa que possui o TEA prefere, na maioria das vezes, isolar-se e fazer suas atividades sem a presença de outras pessoas por perto. Em alguns casos pode haver o uso de linguagem estereotipada que é caracterizado, quando se expressa através dos movimentos como bater palmas, movimentar os braços, como se estivesse batendo asas. O autor Khoury et al (2014) cita também as áreas de maior comprometimento da criança portadora do TEA. Segundo o autor, as áreas de maior comprometimento no Transtorno Autista são a da interação social, da comunicação e do comportamento. Como o maior comprometimento é na interação social, as crianças com TEA encontram-se muitas vezes brincando sozinhas, às vezes, conversando com seus próprios brinquedos e não conseguem interagir com os colegas, ou ter um diálogo com as pessoas com quem convivem no dia a dia. Na comunicação também é possível observar que, na linguagem verbal, a criança tem muita dificuldade e não consegue entender expressões não-verbais como as emocionais, os gestos, a expressão facial, além de não ter diálogo, ou seja, comunicar-se com o outro. Os comportamentos repetitivos acontecem de forma aleatória, eles movimentam os braços repetitivamente, fazem vozes diferentes como se estivessem imitando algo, riem de situações. Outra característica presente é a de realizar atividades somente do seu interesse, além de se exaltarem: gritam, batem, choram e ficam agressivos – desencadeando as crises. Quando ocorre mudança de rotina, os portadores de TEA, sentem-se irritados e confusos, não conseguem entender o motivo de tal mudança, o que implica em dificuldade de se adaptarem a situações novas.

Há indivíduos com TEA sem deficiência intelectual que podem apresentar habilidades cognitivas preservadas, como, por exemplo, habilidades visuoespaciais². Por outro lado, pessoas na mesma condição apresentam dificuldades ou déficits em habilidades de memória de trabalho, dificuldade para organizar e processar informações e para estabelecer prioridades para a execução de tarefas (KHOURY et al, 2014, p. 19).

Por essa razão, as crianças que não possuem a linguagem verbal, encontram-se no grau moderado ou severo, e algumas crianças diagnosticadas com TEA não apresentam disfunções

² Habilidades visuoespaciais consistem na capacidade que o indivíduo tem de representar, analisar e manipular mentalmente os objetos em duas e três dimensões – caracterizando a relação espacial e visualização espacial, respectivamente.

intelectuais e suas habilidades motoras são muito desenvolvidas. Elas realizam atividades sem grandes dificuldades, não necessitam de um mediador o tempo todo para auxiliar nas atividades, porém, em alguns casos podem apresentar dificuldade em se organizar, em se comunicar com os demais, na memorização do trabalho e na realização de tarefas. É importante destacar que cada criança possui suas especificidades, cada uma possui suas características e dificuldades. Nenhuma criança autista é igual à outra, cada transtorno possui suas diferenças e nenhum transtorno é igual ao de outro sujeito com Transtornos do Espectro Autista. “Em 1976, Lorna Wing relatou que os indivíduos com autismo apresentam déficits específicos em três áreas: imaginação, socialização e comunicação, o que ficou conhecido como “Tríade de Wing.” (WING, 1976 apud FREITAS, 2011, p. 165).

As crianças autistas apresentam grande dificuldade na imaginação, não conseguem inventar, imaginar um desenho e produzir, têm dificuldade de socializar com crianças de sua idade, não se interessam pelas mesmas coisas e até a sua forma de brincar é diferenciada, preferem, muitas vezes, brincarem sozinhas, não comunicam. Na maioria das vezes, quando querem algo, elas conduzem a pessoa para próximo do objeto, batem nas costas das pessoas para que elas vejam o que ela está querendo, mas não conseguem ter uma comunicação, e para que tal comunicação ocorra, é de extrema importância a execução de um trabalho para que as mesmas consigam se desenvolver e realizar as atividades do dia a dia.

As dificuldades existentes durante a infância, se não forem bem trabalhadas e se os possíveis potenciais não forem canalizados e explorados, poderão dar sequência a uma série de complicações nesta fase, que costuma ser turbulenta para qualquer adolescente. É importante que pais e educadores se conscientizem de que a infância não é um período para pouco investimento em busca dos interesses e desenvolvimento de habilidades dessa criança. Conter a crise de uma criança com autismo durante a infância é bem diferente de contê-la quando já é um adolescente que está mais desenvolvido, mais forte e, talvez mais resistente ao que deseja ou não fazer. (ORRÚ, 2016, p. 37).

A escola tem um desafio muito grande ao receber um aluno autista na sua instituição. Isso por causa das características de uma criança com essa síndrome, a qual requer atenção especial diante das dificuldades que esse estudante apresenta. A escola precisará estudar, elaborar e descobrir de que forma esse aluno irá aprender e se desenvolver dentro do cotidiano escolar, levando em consideração as suas especificidades.

3 DESAFIOS DA POLÍTICA INCLUSIVA NO COTIDIANO ESCOLAR

Na concepção inclusiva, a Educação deve possibilitar o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, nos vários espaços escolares, a fim de reconhecer suas potencialidades, além de respeitar as singularidades de cada educando.

É importante um trabalho estruturado com o autista durante a sua infância, possibilitando que as crianças explorem suas habilidades, que haja um trabalho com profissionais especializados que possam colaborar para o seu progresso. A escola precisa estar disposta a auxiliar esse aluno nos seus momentos difíceis, a fim de que haja um bom desenvolvimento durante a infância, para que essa criança esteja preparada para a adolescência e esteja pronta para aceitar as mudanças e tudo de novo que vai chegar a ela.

A seguir serão elencados alguns desafios no cotidiano escolar para levar em conta as particularidades do aluno autista.

3.1 Autista na escola regular

O primeiro desafio da escola é inserir o aluno na sala regular de ensino com condições efetivas de aprendizagem. Existem pontos fundamentais para a inclusão de uma criança autista na escola, para isso é fundamental que todos os envolvidos, família, amigos e escola os tratem normalmente, tentando entendê-los na sua forma de ser, proporcionando clima para o desenvolvimento integral.

Quando a escola aceita realizar a matrícula do aluno com autismo para não ser punida legalmente, mas não se empenha em realmente proporcionar um espaço de acolhimento, permanência e participação desse aluno junto aos demais, ela não está atuando como uma escola de princípios inclusivos, pois apenas receber e aceitar esse aluno todos os dias no espaço escolar não é sinônimo de inclusão, ao revés, é uma pseudo-inclusão. (ORRÚ, 2016, p. 153).

Assim sendo, a escola não deve somente efetuar a matrícula do aluno com diagnóstico de autismo devido à lei, mas deve proporcionar a ele um ambiente agradável, onde o mesmo se sentirá bem, acolhido por todos e que esteja incluído nas diversas atividades que acontecem dentro da instituição de ensino, mostrando a ele que dentro da escola ele pode se sentir seguro, com as garantias mínimas de aprendizagem.

Caso não haja um preparo para receber a criança, é preciso que a escola reveja seus conceitos de inclusão, pois os malefícios de uma pseudo-inclusão podem ser irreversíveis, já que provavelmente o aluno não irá gostar de frequentar a instituição, pois não se sentirá seguro, acolhido dentro do ambiente escolar.

A frase ‘não estamos preparados’ não cabe como justificativa para que a comunidade escolar não se debruce em estudos e pesquisas para a construção de estratégias e metodologias que alcancem seus alunos, cuja diferença é mais saliente do que nos demais colegas. É fato que nunca estaremos totalmente preparados e, por isso devemos sempre buscar alternativas, dentro de uma perspectiva de educação não excludente, para a construção de práticas pedagógicas que tanto no plano individual como no coletivo favoreçam a aprendizagem significativa e o desenvolvimento do aprendiz, sem, contudo, desconsiderar suas particularidades. (ORRÚ, 2016, p. 54, grifo do autor).

Ouvimos muito a frase “não estamos preparados” no ambiente escolar, mas não precisa estar preparado para receber esse aluno, você não precisa ser um professor que sabe tudo, basta você, professor, ir atrás, pesquisar, estudar um pouco sobre a deficiência do seu aluno e procurar sempre estudos que possam ajudar a analisar as dificuldades dele, conhecê-lo primeiramente, identificar em que esse aluno tem interesse, conquistá-lo, mostrar segurança a ele, para que você, como professor, consiga fazer um trabalho produtivo com esse aluno, um trabalho que faça bem tanto a você, como professor, como para ele, como aluno.

Sem demora é preciso que a comunidade escolar compreenda que o aprendiz com autismo necessita conviver com outros aprendizes sem autismo para que, em sua vivência, a coletividade possa colaborar para que ele seja um sujeito ativo de sua aprendizagem; para tanto, é necessário que realmente faça parte do grupo e seja envolvido pelas relações sociais genuínas, participando e compartilhando das diversas atividades propostas pelo professor e construídas por todos os aprendizes e sendo respeitado em seus limites e possibilidades. (ORRÚ, 2016, p. 54).

É muito importante que a comunidade escolar envolva completamente seu aluno autista em todas as atividades da escola, tanto dentro da sala de aula, quanto nas atividades que acontecem em ambientes diferentes da instituição. Possibilitar que o aluno esteja sempre incluído no meio de todos e que haja respeito pelas suas dificuldades e, mesmo com suas singularidades, o aluno pode e deve estar no meio de todos sempre, e merece ser respeitado, possuindo os mesmos direitos que todos ali têm. Respeitar os limites do seu aluno autista até onde consegue fazer determinada atividade, suas possibilidades e observar que, a cada dia, ele conseguirá se desenvolver e obter resultados positivos. É importante lembrar a importância de respeitar o tempo do aprendiz autista, e jamais deixar que ele tenha crise dentro da sala de aula, por não saber respeitar seus limites.

[...], não é o Transtorno do Espectro com Autismo que está dentro do espaço escolar e em frente ao professor, é uma criança, um adolescente, um jovem que tem sua história de vida, sua personalidade, seus desejos, suas frustrações, seus encantos e desencantos, suas dificuldades, suas habilidades, suas preferências, sua subjetividade e que também vive com as singularidades do autismo e que se encontra nesse espaço para conviver com as demais pessoas. (ORRÚ, 2016, p. 52).

Dentro do ambiente escolar, os professores e os funcionários da escola têm de tirar essa visão “TADINHO, ele é autista” e começar a ver essa criança como as outras crianças, ver que ela tem seus desejos, suas manias, suas habilidades, e que ela também tem uma vida e vida diferente das outras. Ver que ela é criança, por isso o docente deve ter um olhar para ela, o mesmo olhar das outras crianças, e parar de tratá-la como coitadinho, mas tratá-la como uma pessoa que tem sentimentos, desejos como todos os outros.

Dessa forma, o importante é compreender que uma criança precisa ser amada, acima de tudo, e estimulada para que se desenvolva. Livrar-se de todo preconceito e buscar informação são atitudes essenciais da família e amigos para ajudar uma criança autista, sendo importante a intervenção profissional, mesmo com vários desafios.

Para garantir a inclusão à instituição educacional, o Estatuto do Deficiente garante que a escola precisa disponibilizar na sala regular o profissional de apoio escolar (BRASIL, 2015).

É importante que este profissional realize o trabalho individualizado, adaptando sempre os materiais, as atividades que serão realizadas pelo aluno, pensando nas dificuldades e no que esse aluno mostra interesse. Ele deve procurar alternativas para que o autista compreenda todo o conteúdo trabalhado pelo professor regente. É necessário que este profissional,

Tenha conhecimento prévio e domínio dos conteúdos e temas a serem trabalhados pelo professor da classe comum; esteja ciente dos temas e conteúdo que serão trabalhados pelo professor regente pode tornar-se uma ferramenta importante para o professor de apoio, desta maneira, a preparação prévia de como trazer estes conhecimentos ao aluno, pode ser um facilitador para a compreensão dos assuntos tratados na sala de aula (BEYER, 2006 apud OSÓRIO; GOMES; SILVA, 2016, p. 9).

O profissional de apoio, normalmente, estabelece vínculos afetivos maiores com o autista e ele é fundamental para ampliar os laços com os outros professores regentes e os colegas.

Para acontecer essa convivência do aluno autista com os colegas, é necessário que o professor esteja sempre incluindo esse aluno nas diversas atividades e trabalhando com os demais alunos para haver constantemente essa interação. Deve explicar as singularidades do educando autista aos colegas e o que cada um pode fazer para ajudá-lo na aula de sala. Sabemos que, muitas vezes, o aluno acaba construindo uma interação somente com a professora de apoio, que está sempre ao lado dele, mas não é uma alternativa positiva para o seu desenvolvimento, pois se fosse para ele estar somente ao lado da professora de apoio, ele poderia estudar em casa. Portanto é necessário que o professor regente de sala esteja sempre presente e disposto a ajudar seu aluno e para tentar construir um vínculo.

No entanto, observa-se que o desenvolvimento das habilidades de interação social, comunicação e aprendizagem do aluno com autismo têm-se mostrado um desafio para as escolas, que esbarram na escassez de profissionais capacitados e de recursos didático-pedagógicos que atendam a este público (SCHMIDT et al., 2016 apud SCHMIDT; RAMOS; BITTENCOURT, 2019, p. 92).

Por falta de pessoal preparado e de material adequado, muitas vezes, a aprendizagem e a melhora nos relacionamentos sociais ficam prejudicadas. A escola é um espaço de aprendizagem e de interação, onde o contato com o outro promove o desenvolvimento do aluno. Neste ambiente, a função da educação inclusiva é “promover a socialização e deverão ser motivadas a compreensão e o respeito entre as relações com o outro, e em especial, desenvolver com cada aluno a tolerância com relação a situações diversas que possivelmente ocorrerão no ambiente escolar” (CARVALHO, 2014, p. 32).

De acordo com Carvalho (2014), é no ambiente escolar que o aluno irá ter uma interação com pessoas diferentes do seu ambiente familiar, logo é necessário que o professor promova essa interação entre o aluno autista e os outros colegas, com os funcionários da instituição e demais pessoas, para que possa acontecer a socialização. Por isso os outros estudantes da sala vão acatar seu colega autista e ter respeito e tolerância com suas limitações.

Para que a escola possa oferecer um ensino diferenciado, calcado nas singularidades do sujeito, os procedimentos utilizados para a aprendizagem dessas crianças devem ser conhecidos e compartilhados pelos pais, para que estes possam orientar e ajudar seus filhos no processo educativo. Devem também trazer elementos importantes da característica da criança, para a escola pensar o ensino diferenciado com foco na área de interesse do educando autista.

Conhecer o aprendiz e seu eixo de interesse é o ponto principal de partida para iniciarmos uma relação dialógica com nosso aprendiz com autismo (poderá ser com todos os demais também, o que é próprio de uma educação na perspectiva inclusiva) sobre aquilo que lhe é foco de interesse, de curiosidade, de prazer para fazer, para aprender e, assim, desencadear o delineamento de seu percurso de aprendizado. (ORRÚ, 2016, p. 168).

Conhecer o aluno, do que ele gosta, por que ele mostra interesse, o que chama a sua atenção é muito importante para o professor começar a trabalhar com esse aluno em cima de suas limitações e habilidades.

Trabalhar por eixos de interesses como ponto principal de partida e valorizando o ‘ponto ótimo’ do aprendiz com autismo é aproveitar ao máximo aquilo que ele se mostra capaz de fazer, é respeitá-lo em suas limitações, é promovê-lo sempre a uma próxima etapa mais complexa, procurando integrar novos saberes relacionados ao eixo de interesse que melhor valorize suas formas de expressar seus sentimentos, seus pensamentos, seus desejos, sua preferência, suas habilidades, suas dificuldades, suas descobertas, sua subjetividade. (ORRÚ, 2016, p. 169).

Assim sendo, é de suma importância trabalhar com o aluno, primeiramente, os eixos de interesses de que ele gosta, mostra aptidão e, a partir daí, fazer com que ele conheça coisas novas e comece a se adaptar e querer aprender outras coisas. Verificar as informações e aprendizagens que ele já traz de casa, valorizar as suas habilidades e fazer um trabalho com muita dedicação para que, a cada dia, seu aluno desenvolva mais e, sempre respeitando seus limites, suas dificuldades. O professor tem que respeitar os limites do seu aluno, não obrigá-lo a fazer algo que não queira naquele momento. Quando o professor não respeita os seus limites causa crises no estudante e isso pode ser pior para quando ele tiver de fazer aquela determinada atividade novamente. Esse respeito aos limites do aluno é um aspecto muito importante para que o trabalho seja prazeroso ao seu aluno e ao professor.

Enfim, é muito importante refletirmos sobre a concepção que temos sobre nossos alunos, sobre nosso aluno com autismo. É a partir de nossas concepções, ou poderíamos ousar dizer, é a partir de nossas crenças que fazemos nossas escolhas sobre nosso pensar, sentir e agir. Se concebemos, se cremos que nosso aprendiz com autismo é um sujeito que aprende, então vamos buscar meios de conhecê-lo melhor, vamos prestar mais atenção nos indícios que ele nos dá sobre seus interesses, para então com ele desenharmos seu percurso de aprendizagem. (ORRÚ, 2016, p. 155).

O professor deve primeiramente conhecer muito esse aluno autista, para poder organizar como será o percurso de aprendizagem dele, como será o seu desenvolvimento,

como serão as suas adaptações, para que haja uma aprendizagem significativa na vida desse aluno autista.

O eixo de interesse, quando explorado, permitirá o conhecimento do potencial e das habilidades do aprendiz com autismo, referendará seu 'ponto ótimo' e trará possibilidades de também se identificar e planejar estratégias de desenvolvimento de outras habilidades ainda não desenvolvidas sem, contudo, sempre frisar o que ele não sabe fazer, ou o que não consegue fazer, ou aquilo que nunca será capaz de fazer, segundo influência cultural dos critérios diagnósticos. (ORRÚ, 2016, p. 169).

Trabalhando com esse aluno em cima dos eixos de interesse dele desenvolvendo suas habilidades, o professor também poderá usar desse desenvolvimento do aluno para trazer outros conhecimentos diferentes, respeitando suas dificuldades.

“Conceber e valorizar o aprendiz com autismo como sujeito que aprende é, de certo modo, compreender o próprio aprendizado como um decurso único e protagonista de seu próprio processo de aprender”. (ORRÚ, 2016, p. 169).

Por isso o professor tem que olhar para o aluno como uma pessoa que vai aprender, vai adquirir aprendizagem e vai se desenvolver, e parar de olhar para o ele como um coitadinho que nunca vai aprender nada. Essa é uma postura que todos os professores devem ter dentro da sala de aula em relação ao seu aluno com necessidades especiais.

Entretanto, a criança autista necessita de acompanhamento familiar e especializado, pois seu desenvolvimento acontece de maneira lenta e exige paciência por parte dos pais e dos educadores, sendo preciso que os familiares dispensem atenção e estejam presentes em todos os momentos da vida da criança para que ela se sinta amada e valorizada. (SANTOS; SANTOS; SANTANA, 2016).

Além de a inclusão escolar ter como objetivo inserir, sem distinção, todas as crianças e adolescentes com variados graus de comprometimento social e cognitivo, sendo feita dentro de escolas regulares, com objetivo de cessar os preconceitos e o isolamento social do autista, essa inclusão possibilita a aquisição de novas habilidades, uma vez que um dos principais marcadores desse transtorno é o déficit na interação social. (LÜDKE, 2011).

A seguir será apresentada a importância do material diversificado para diminuir os desafios da inclusão.

3.2 Necessidade de estratégias e de materiais diversificados

Na sala de aula observa-se que o aluno autista não consegue realizar as mesmas atividades que os demais alunos, portanto necessita das adaptações e atividades diversificadas, com jogos, brincadeiras e atividades lúdicas que devem ser elaboradas pela professora regente de sala, com o auxílio do profissional de apoio. Isso para que o aluno consiga participar e executar as atividades de uma forma diferenciada, a fim de que haja aprendizagem e desenvolvimento do estudante. Quando não ocorrem tais adaptações e o educando segue apostilas e livros, como se observa nas escolas, o aluno não mostra interesse, o que exige que a professora de apoio realize as atividades que deveriam ser feitas por ele. Dessa forma, o discente sente-se irritado com as atividades e não é capaz de adquirir nenhum tipo de aprendizado e nenhum resultado positivo no seu desenvolvimento, por isso são necessárias as adaptações diversificadas dentro da sala de aula.

Portanto as atividades lúdicas propiciam à criança a possibilidade de conviver com diferentes sentimentos os quais fazem parte de seu interior, elas demonstram através das brincadeiras como vê e constrói o mundo, como gostaria que ele fosse, quais as suas preocupações e que problemas a estão atormentando, ou seja, expressa-se na brincadeira o que tem dificuldade de expressar com palavras. (PEREIRA, 2017, P. 16)

As atividades lúdicas podem ajudar o professor ou a professora de apoio a identificar quais são as dificuldades daquela criança, qual atividade não agrada o aluno, qual acalma, por qual ele mostra interesse, o que lhe chama a atenção. Através das brincadeiras lúdicas, o aluno autista expressa seus sentimentos não com palavras, mas sim na própria brincadeira, por meio de gestos, sentimentos expressos naquela hora. Sendo assim, é muito importante o professor observar esses momentos do aprendiz para elaborar uma proposta com atividades lúdicas que possam auxiliar o estudante na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento.

E alerta aos professores que para trabalhar com jogo é importante que o educador tenha objetivos bem definidos e saiba escolher o jogo adequado ao momento educativo, pois através dos jogos, as aulas serão mais interessantes e os conteúdos serão passados de forma mais interessante. (PEREIRA, 2017, p. 18)

É importante o professor elaborar quais são os objetivos que pretende estabelecer para promover o desenvolvimento do aluno e definir os jogos para serem trabalhados em parceria com a sua proposta, identificando quais são as atividades que despertam a atenção, o interesse e, conseqüentemente, a participação. Desta maneira, é necessário que o professor analise sempre as singularidades do educando.

Através dos jogos, pode-se trabalhar a ansiedade da criança, rever seus limites, diminuir sua dependência, aprimorar a coordenação motora, a organização espacial, a concentração e a atenção, ampliar o raciocínio lógico, além de desenvolver a criatividade, a autonomia e a discriminação. (PEREIRA, 2017, p. 18)

Por meio dos jogos elaborados a professora conseguirá desenvolver vários conteúdos como citados anteriormente, podendo auxiliar o aluno com os aspectos trabalhados e este terá resultados positivos na sua aprendizagem. Isso poderá, também, facilitar para o aluno construir uma interação com a professora, com os colegas que estarão junto com ele nesse momento.

Outra estratégia utilizada com sucesso é a Intervenção Mediada por Pares. Ela utiliza os colegas de classe do autista para melhorar as suas habilidades de interação social e de comunicação.

A Intervenção Mediada por Pares (IMP), é uma intervenção em que colegas de classe fazem o papel de mediadores das habilidades a serem desenvolvidas com crianças com deficiência, ou dificuldade de aprendizagem (VAUGHN; KLINGNER; BRYANT, 2001 apud SCHMIDT; RAMOS; BITTENCOURT, 2019).

Através da Intervenção Mediada por pares que é quando um colega da sala auxilia o aluno autista em alguma atividade, a brincadeira além de estar ajudando seu colega na determinada atividade, estará promovendo a aproximação deles, criando um laço afetivo o pode ajudar na interação do aluno autista com os demais. Portanto é importante destacar que não só o aluno autista está obtendo resultados positivos, mas o colega também como o cuidado, a atenção, a paciência, a empatia, a compreensão, a solidariedade, o reconhecimento e o respeito às diferenças. Também foi observado progresso na construção coletiva da aprendizagem, já que, ao mediar e assessorar os colegas com autismo, os alunos “professores” estarão reforçando os próprios conteúdos trabalhados. (SCHMIDT; RAMOS; BITTENCOURT, 2019).

Com discente com autismo, verificou-se maior tempo dedicado à tarefa, a partir da mediação de seus colegas. Também foi observado melhora no processo de socialização e aprendizagem, envolvendo interação entre os colegas de turma, progressos no desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal, diminuição nos comportamentos repetitivos e estereotipados, além do aumento do engajamento na tarefa durante as atividades pedagógicas.

Segundo o APE que é o Atendimento Pedagógico Especializado dentro da instituição, o profissional de apoio deve sempre auxiliar o autista nas atividades, nas brincadeiras e incluí-lo

junto aos demais da sala. É necessário que o profissional de apoio dê suporte para a professora regente nas atividades realizadas dentro da sala e mais, é fundamental que o professor regente esteja disposto a ajudar e estar por perto do aluno autista.

Portanto, ao identificar as possibilidades de aprendizagem dos alunos com TEA, o APE tem condições de criar oportunidades e possibilidades concretas para seu desenvolvimento. Esse desenvolvimento precisa ser significativo, tanto na sua vida escolar, quanto na social, onde, em parceria com os professores de classe comum, o APE desenvolva ações pedagógicas, buscando a reflexão e a criticidade, potencializando as habilidades do aluno. (OSÓRIO; GOMES; SILVA, 2016, p. 9).

Assim, a escola precisa preparar diferentes trabalhos para o estudante; pensar em como essa criança irá aprender, quer seja através dos trabalhos elaborados exclusivamente para ela, quer seja através do auxílio do professor nas atividades, pois ela terá essa aprendizagem para a sua vida. O trabalho do professor consistirá na forma com que ele irá elaborar as atividades, as metodologias diferenciadas que serão utilizadas para chamar a atenção do seu aluno, a fim de que desperte nele interesse pela atividade. Podem ser utilizados jogos, os mais diversos, para facilitar a aprendizagem. Tarefas diferenciadas contribuirão muito e resultarão em um processo importante no aprendizado deste estudante. No espaço da escola, várias mudanças terão que ser realizadas para receber o aluno, além de estar preparada para recebê-lo, a escola tem de se preocupar em incluí-lo nas demais atividades que proporciona aos outros estudantes.

4 CONCLUSÃO

Os desafios enfrentados pela escola para incluir o estudante autista são muitos. Existe a falta de preparo de professores, de gestores, de pais e alunos em relação ao potencial do aluno com autismo. Confronta-se também com a não existência de professores de apoio em todas as unidades escolares e com pouco material diversificado para ajudar na montagem de atividades diversificadas que facilitam a aprendizagem.

Apesar dos desafios serem enormes, é de responsabilidade da escola incluir os alunos autistas nas diversas atividades que ocorrem no ambiente escolar. Portanto, o professor regente da sala de aula e o profissional de apoio devem também realizar a função corretamente estando presentes na vida escolar do educando. Eles precisam ter o

propósito de auxiliar o estudante autista em suas especificidades, a fim de que seus desafios sejam trabalhados de maneira que desenvolva suas habilidades, respeitando suas limitações e promovendo momentos em que o aluno autista interaja com os demais, levando-o ao desenvolvimento de sua autonomia.

A escola precisa ir além das aparências. A inclusão precisa oferecer uma aprendizagem significativa, além de proporcionar o estabelecimento de relações sociais duradouras que possam levar o autista a ter o convívio social ampliado.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Débora et al. Educação inclusiva, política educacional e direitos humanos: uma reflexão sobre a legislação brasileira. **III CONEDU CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, Paraíba, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA7_ID5338_14082016213625.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

BRASIL. Conselho Nacional De Educação. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica. **Fragmentado do texto da lei 9394/96: Educação Especial**. Brasília, Ministério da Educação, 2001. p.39-40. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/fragmento-do-texto-da-lei-939496-educacao-especial/>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Brasília: Casa Civil, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 18 set. 2020

CARVALHO, Cássia Virgínia Costa. **Crianças com transtorno do espectro autista: o direito à educação**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Centro de Artes, Humanidades e Letras Curso Superior de Tecnologia em Gestão. Cachoeira, 2014

FREITAS, Ivana. Autismo e Síndrome de Asperger: caminhos possíveis. In: SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana (Orgs.). **Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2011. p. 163-186.

KHOURY, Laís et al. Transtorno do espectro do autismo. In: KHOURY, Laís et al. **Manejo comportamental de crianças com transtorno do espectro do autismo em condição de inclusão escolar: guia de orientação a professores**. São Paulo: Memnon, 2014. p. 8-23.

LÜDKE, Jaqueline Prates. **Autismo e inclusão na Educação Infantil: um estudo sobre a crença dos educadores**. Porto Alegre: UFRS, 2011.

MINAS GERIAS. Secretaria de Estado de Saúde. **Autismo afeta cerca de 1% da população**. 2015. <https://www.saude.mg.gov.br/ajuda/story/6884-autismo-afeta-cerca-de-1-dapopulacao>

ORRÚ, Sílvia. **Aprendizes com autistas**: aprendizagem por eixos de interesses em espaços não excludentes. Petrópolis/RJ: Vozes LDTA. 2016. p. 13-54; 149-222.

OSÓRIO, Regina Ribeiro de Paulo; GOMES, Vera Lucia, SILVA, Rita de Fátima. Papel do auxiliar pedagógico especializado na inclusão do autista. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPPFIP**, Aquidauana, v. 1, n. 3, p. 50-65, dez. 2016

PEREIRA, Juliete Helena Mendes da Silva Pereira. **O lúdico na aprendizagem de um educando autista**. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2017. Disponível em: < http://avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G202849.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

SANTOS, Cristiane Fontes dos; SANTOS, Herica Carmen dos; SANTANA, Maria Jussara de. **O processo de aprendizagem de crianças autistas**. 2016. Disponível em: < <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc12-3.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SCHMIDT, Carlo; RAMOS, Fabiane dos Santos; BITTENCOURT, Daniele Denardin de. Intervenção mediada por pares como prática pedagógica para alunos com autismo. In: PAVÃO, Ana Cláudia Oliveira; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira (Orgs.). **Práticas educacionais inclusivas na educação básica**. Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, 2019. P. 87-104.

SIQUEIRA, Maria; AGUILLERA, Fernanda. Modelos e diretrizes para uma educação inclusiva: revisão de literatura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 52, p. 28-294, maio/ago. 2015.

